

Orquesta Gulbenkian

Giancarlo Guerrero
Cañizares



GULBENKIAN
MÚSICA

08 + 09 fev 2019

Orquestra Gulbenkian

08 FEVEREIRO
SEXTA

21:00 — *Grande Auditório*

09 FEVEREIRO
SÁBADO

19:00 — *Grande Auditório*

Orquestra Gulbenkian

Giancarlo Guerrero Maestro
Cañizares Guitarra

Antonín Dvořák
Carnaval, op. 92

Joaquín Rodrigo
Concerto de Aranjuez

Allegro con spirito
Adagio
Allegro gentile

INTERVALO

Johannes Brahms
Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98

Allegro non troppo
Andante moderato
Allegro giocoso
Allegro energico e passionato

Antonín Dvořák

Nelahozeves, 8 de setembro de 1841
Praga, 1 de maio de 1904

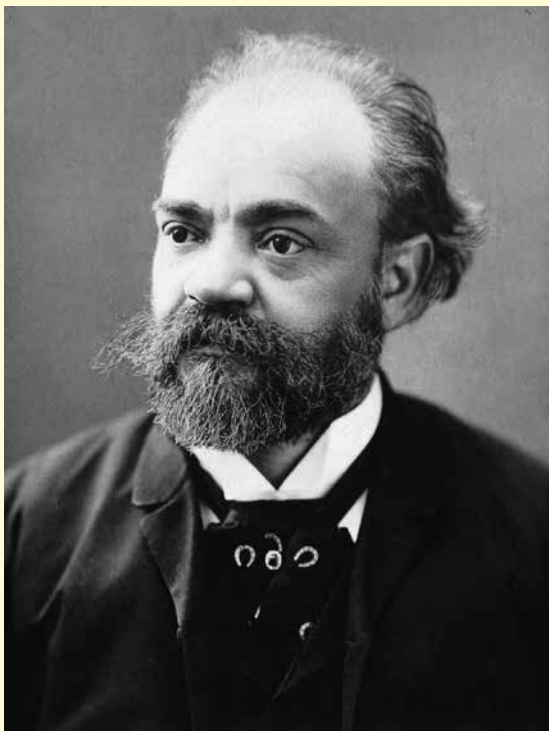
Carnaval, op. 92

COMPOSIÇÃO: 1891

ESTREIA: Praga, 28 de abril de 1892

DURAÇÃO: c. 10 min.

Página célebre do legado orquestral do compositor checo Antonín Dvořák, a abertura de concerto intitulada *Carnaval, op. 92*, foi composta entre os meses de julho e setembro de 1891, servindo de interlúdio a duas outras aberturas, *No Reino da Natureza, op. 91*, e *Othello, op. 93*. Concebidas como breves peças de programa, chamativas do público pelas sua vivacidade e colorido orquestral, as aberturas vão para além da arte da composição e da instrumentação, no sentido em que mostram, adicionalmente, uma persistente veia poética que se identifica plenamente com os ideais da música programática, tal como defendidos por Franz Liszt. Escreveu este último que “somente o músico-poeta pode distender os confins da arte, ao romper os grilhões que impedem o voo livre da sua fantasia”. *Carnaval, op. 92* almeja, sem dúvida, tal patamar de expressão livre desligada das convenções, em tudo aquilo que encerra de sons, sensações, gestos e indumentárias, conjugados no espaço multicolor e imprevisível daquela quadra festiva. Após o turbilhão inicial de motivos alegres e de festa, um segundo tema, *Poco tranquillo*, traz consigo uma vertente lírica e expressiva, sobejamente explorada pelas cordas. A secção central, *Andante con moto*, é aquela que mais se aproxima das ideias de Liszt, com o seu apelo poético e contemplativo que se desprende do diálogo entre o corne inglês, a flauta, o clarinete e o violino solistas. O tema principal da anterior abertura *No Reino da Natureza, op. 91*, é aqui utilizado, na parte de clarinete.



ANTONÍN DVOŘÁK © DR

Mas eis que irrompe de novo o turbilhão de motivos, conduzido, em patamares sucessivos de transformações rítmicas e harmónicas, rumo à recapitulação da secção inicial, na tonalidade de partida. A par com outras páginas orquestrais de maior vulto, como a Sinfonia n.º 9, em Mi menor, op. 95, a abertura *Carnaval, op. 92*, e as suas congéneres, contribuíram decisivamente para a projecção internacional de Dvořák: na mesma década de 1890 o músico viria a receber várias distinções, entre as quais o doutoramento *honoris causa* pela universidade britânica de Cambridge.

Joaquín Rodrigo

Sagunto, 22 de novembro de 1901
Madrid, 6 de julho de 1999

Concerto de Aranjuez

COMPOSIÇÃO: 1939

ESTREIA: Barcelona, 9 de novembro de 1940

DURAÇÃO: c. 23 min.

Página evocadora de um certo nacionalismo nostálgico, ligado às próprias raízes da guitarra espanhola, o *Concerto de Aranjuez* foi-se impondo, logo a partir da sua estreia, como um dos marcos do repertório concertante para o instrumento, capaz de motivar renovadas abordagens interpretativas ao longo dos anos. O imaginário da obra centra-se, desde logo, no ancestral palácio de Aranjuez, o qual foi, outrora, residência habitual de verão da família real espanhola. Tendo em consideração a história da guitarra e a sua lenta e tardia aceitação como instrumento de culto e detentor de uma literatura própria, é de salientar a projecção decisiva que o *Concerto de Aranjuez* deu à guitarra clássica, junto do grande público, por via da demonstração das suas múltiplas possibilidades técnicas e expressivas.

Os rasgueados repetitivos da guitarra, sobre o acorde de Ré maior, dão início ao primeiro andamento, *Allegro con spirito*, em ambiente descontraído, evocando uma cena do quotidiano popular. A orquestra prossegue o discurso em tom jovial, com motivos breves, mas dotados de energia contagiante. Ficam em destaque as passagens dialogadas e as escalas ascendentes e descendentes, numa pintura sonora repleta de reminiscências e evocações, suportada pelos ritmos omnipresentes das danças ibéricas. O longo e belo tema do segundo andamento, *Adagio*, entoado primeiramente pelo corne inglês sobre os largos acordes da guitarra, celebrou

o *Concerto de Aranjuez*, imprimindo-lhe laivos de inesquecível melancolia, aliados aos arabescos hispanizantes. O instrumento solista apossa-se depois do mesmo tema, fazendo valer todo o seu expressivo vibrato. As potencialidades virtuosísticas da guitarra surgem de novo em evidência na vasta cadência que se situa na segunda parte do andamento. O último andamento, *Allegro gentile*, recupera a energia e a vitalidade rítmica do primeiro andamento, procurando a conjugação entre a divisão binária e ternária do tempo. Os principais componentes temáticos são repartidos entre a guitarra e a orquestra, sempre com amplo espaço para a ornamentação melódica.



JOAQUÍN RODRIGO EM 1935 © DR

Johannes Brahms

Hamburgo, 7 de maio de 1833
Viena, 3 de abril de 1897

Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98

COMPOSIÇÃO: 1884-1885

ESTREIA: Meiningen, 25 de outubro de 1885

DURAÇÃO: c. 40 min.

A derradeira sinfonia de Johannes Brahms inscreve-se numa linha de criação instrumental austro-germânica, cujas origens remontam a Ludwig van Beethoven e à escola vienense. Com este fruto tardio da sua inspiração, moldado numa época em que as sinfonias de Beethoven permaneciam como referencial absoluto do espaço musical público, Brahms procurou, de facto, levar a cabo a síntese entre a herança classicista e as novas tendências expressivas do seu próprio tempo, colocando o repertório sinfónico num patamar abstrato, quase metafísico, como veículo das emoções e dos sentimentos mais profundos e inusitados. Numa primeira fase de esboços, o projeto não foi compreendido pelos amigos próximos do músico, entre os quais o esteta Eduard Hanslick, mas o clima mais favorável que entretanto emergiu, depois da estreia em Meiningen, a 25 de outubro de 1885, acabou por impô-lo como símbolo do sinfonismo romântico tardio, a par com as novas propostas que então emergiam pela mão de Gustav Mahler e Alexander von Zemlinsky, entre outros.

No primeiro andamento, *Allegro non troppo*, os primeiros violinos expõem, desde logo, os acentos incertos, agitados, da interioridade complexa do ser humano, numa linha melódica angulada, deveras bela e intensa, que evolui na textura e se vai transformando à medida que os restantes naipes orquestrais intervêm. O primeiro gesto contrastante sobrevém com o motivo heroico dos sopros de madeira (oboé,

clarinete e fagote), remanescente do compositor checo Antonín Dvořák. O segundo tema vem também a ser exposto pelos violinos, tendo nas respostas das madeiras um complemento sereno. O desenvolvimento inicia-se com a retoma do primeiro tema, na orquestração de partida, durante breves compassos. A textura agita-se, depois, com a fragmentação dos seus elementos constituintes, acompanhada por encadeamentos harmónicos invulgares. No início da recapitulação, Brahms altera a sequência rítmica original do primeiro tema, distribuindo-o pelos sopros em valores mais largos, à maneira de um *cantus firmus*.

Por sua vez, a extensa coda conclusiva acentua o *pathos* dramático da composição, numa mostra imponente de combinações tímbricas.

Num rasgo de grande originalidade, o compositor atribuiu à trompa o motivo inicial do segundo andamento, *Andante moderato*: na sua configuração despojada, reforçada em uníssono pelos sopros, este componente prenuncia novamente o compositor checo A. Dvořák, no seu famoso Concerto para Violoncelo e Orquestra, em Si menor, op. 104 (1894-1895). Nesta forma de sonata sem desenvolvimento, o segundo tema foi atribuído aos violoncelos – emotiva cantilena acompanhada pelos violinos e pelas violas – antes de regressar o primeiro tema, nas cordas. Como em muitos andamentos congéneres, Brahms distende depois a textura, seguindo princípios de variação motívica e harmónica.



MEMÓRIAS DAS MONTANHAS DOS GIGANTES, POR CASPAR DAVID FRIEDRICH, C. 1835 © DR

A coda final incide sobre o motivo de partida. Composto sobre a tonalidade sobredominante de Dó maior, o terceiro andamento, *Allegro giocoso*, reveste-se do carácter de um *scherzo*, com as suas variadas e imaginativas progressões motívicas, entrecortadas por “golpes” orquestrais arrebatados. O enérgico primeiro tema, construído sobre breve célula rítmica, é disperso pelos diferentes naipes orquestrais, fragmentando-se numa paleta tímbrica multicolor. Para esta diversidade contribuiu o reforço do efetivo orquestral, com o piccolo, o contrafagote e o triângulo. Um airoso segundo tema sobrevém por breves instantes nas cordas, dando logo lugar a digressões fantasiosas que, por vezes, fazem lembrar a música de inspiração popular. O interesse de Brahms pelo universo da música antiga emerge no vasto e imponente quarto andamento, *Allegro energico e passionato*,

já que é sobre o plano formal da antiga *chaconne* que se desenvolve tal página prodigiosa da sua produção sinfónica. Também o tema de partida, em jeito de coral com oito compassos, provém da Cantata *Nach dir, Herr*, BWV 150, de J. S. Bach, muito embora tenha sofrido modificações. A partir deste material singelo, contudo massivamente harmonizado, evolui um conjunto de trinta e quatro variações, a que se segue a coda final. Um dos momentos mais contrastantes é trazido pela flauta e pelo seu solo misterioso, na parte central. A recapitulação do tema inicial pelos sopros inaugura, depois, nova série de variações, rumo ao grandioso final que, hoje em dia, como na época de Brahms, consegue arrebatá-las audiências e deixar uma marca duradoura na memória.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Giancarlo Guerrero

Maestro



© KURT HEINECKE

O maestro Giancarlo Guerrero estudou percussão e direção de orquestra nas Universidades Baylor e Northwestern (Texas). Ao longo da sua carreira, foi distinguido com seis prêmios *Grammy*. Cumpre atualmente a décima temporada como Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Nashville. É também Diretor Musical da Filarmónica de Wrocław, na Polónia, e o atual Maestro Convidado Principal da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é um convidado regular das grandes orquestras norte-americanas, incluindo as de Baltimore, Boston, Cincinnati, Cleveland, Detroit, Houston, Indianápolis, Montreal, Seattle, Toronto, Vancouver, Filadélfia, Washington DC (National Symphony) e Los Angeles. Têm sido também muito bem recebidas as suas regulares apresentações na Europa, à frente de orquestras como a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a Filarmónica de Bruxelas, a Deutsche Radio Philharmonie, a Filarmónica da Radio France, a Residentie Orkest, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Filarmónica de Nice ou a Filarmónica de

Londres. Estreou várias obras de compositores contemporâneos, incluindo John Adams, John Corigliano, Osvaldo Golijov, Jennifer Higdon, Michael Daugherty, Roberto Sierra, Richard Danielpour, Béla Fleck e Jonathan Leshnoff. No domínio da ópera, dirigiu produções de *Carmen*, *La bohème* e *Rigoletto*, na Ópera Lírica da Costa Rica. Em 2008 dirigiu a estreia australiana da ópera de câmara *Ainadamar*, de Osvaldo Golijov, no Festival de Adelaide. Estreou-se na Ópera de Houston em 2015, tendo então dirigido *Madama Butterfly* de Puccini. Os seus compromissos na presente temporada incluem, entre outras, novas atuações à frente das Sinfónicas de Dallas e Chicago, da Sinfónica NDR de Hanôver, da Sinfónica de São Paulo e da Sinfónica da Galiza. Giancarlo Guerrero dedica-se também com entusiasmo às orquestras de jovens, colaborando com o Curtis Institute of Music (Filadélfia), a Colburn School (Los Angeles) e a Yale Philharmonia. Desenvolveu também uma relação de proximidade com a National Youth Orchestra, em Nova Iorque, tutelada pelo Weill Music Institute of Carnegie Hall.

Cañizares

Guitarra



© AMANCO GUILÉN

Guitarrista e compositor, Cañizares é um dos mais importantes e influentes artistas de flamenco da atualidade. Para além do repertório corrente para guitarra, interpreta também as suas próprias composições. Percorreu uma brilhante carreira, que se estende ao longo de mais de quatro décadas, tendo sido o único guitarrista de flamenco a atuar com a Filarmónica de Berlim. Foi também acompanhado por esta orquestra no Teatro Real de Madrid, onde tocou o *Concerto de Aranjuez*, sob a direção de Simon Rattle. Colaborou com outras grandes orquestras mundiais, incluindo a Staatskapelle Dresden, a Sinfónica NHK de Tóquio, a City of Birmingham Symphony, a Orquestra Nacional de Espanha ou a Sinfónica de Barcelona. Cañizares foi distinguido com muitos prêmios, incluindo o Premio Nacional de Guitarra (1982), o Premio de la Música (2008) e o Premio Flamenco Hoy (2000, 2011 e 2013). Colaborou com o famoso

guitarrista Paco de Lucía durante dez anos, tendo também trabalhado com muitos outros artistas como Enrique Morente, Camarón de la Isla, Serrat, Alejandro Sanz, Mauricio Sotelo, Leo Brouwer, John Paul Jones ou Peter Gabriel. Como compositor, Cañizares colaborou com a Companhia Nacional de Danza de Espanha e compôs bandas sonoras para vários filmes. Participou nas gravações de mais de 100 álbuns, incluindo 14 como artista principal. Estreou, no Auditório Nacional de Madrid, o seu *Concerto Al-Andalus*, para guitarra e orquestra, dedicado à memória de Paco de Lucía. Esta obra foi encomendada pela Orquestra e Coro Nacional de Espanha, tendo sido dirigida por Josep Pons. Para além de intérprete e compositor, Cañizares é também investigador e professor de flamenco. Desde 2003, ensina guitarra de flamenco na Escola Superior de Música da Catalunha. Orienta também *masterclasses* em Espanha e a nível internacional.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© G.M. MÁRCIA LIESSA



Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Francisco Lima Santos
Concertino Principal
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
Tomás Costa *
Anna Paliwoda *
Sara Llano *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
David Ascensão *
Miguel Simões *
Félix Duarte *
Nelson Nogueira *
Mafalda Rodrigues *
Catarina Silva Bastos *
Anne Victorino de Almeida *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Paul Tulloch *
Ricardo Contreras *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Fernando Costa *
João Gonçalves *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Romeu Santos *
Emanuel Oliveira *
João Lucas *

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*
Ana Filipa Lima *2º Solista **

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES
Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*

Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
David Burt *2º Solista*
Carlos Leite *2º Solista **

TROMBONES
Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
Tiago Noites *2º Solista **

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*
Rodrigo Azevedo *2º Solista **
Sandro Andrade *2º Solista **
João Duarte *2º Solista **

HARPA
Carolina Coimbra *1º Solista **

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins, Marta Andrade,
Raquel Serra, Guilherme Baptista,
Fábio Cachão

10 fevereiro

Portas Abertas



Rising Stars

GULBENKIAN.PT

Entrada Gratuita

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
800 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Fevereiro 2019

